

CADEIRA N.º 31

Patrono: Farias Brito

Vaga: Falecimento de Cursino Belém

Recipiêndo: Otacílio Colares

Recipiendário: Cláudio Martins

Data da posse: 10 de janeiro de 1969

CLÁUDIO MARTINS. Nascido em Barbalha, no dia 10 de maio de 1910, sendo seus pais Antônio Martins de Jesus e Antônia Leite Martins. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1937. Notário Público. Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da U.F.C. e do Curso de Direito da mesma Universidade. Secretário de Estado em mais de uma Pasta. Presidente do Conselho Estadual de Educação e desta Academia. Poeta. Publicou: *Elementos de Finanças e de Legislação Fiscal* (1942, 1944); *Normas Gerais de Direito Tributário* (1968, 1969); *Introdução ao Estado das Finanças Públicas*, Prêmio Clóvis Beviláqua da U.F.C. (1970); *O Contribuinte Substituto na Legislação Fiscal Brasileira* (1970); *Direito Notarial* (1974); *Curso de Orçamento por Programa* (1972). De Poesia, deu à publicidade *Poemas* (1962); *30 Poemas para Ajudar* (parceria, 1968) e *Viagem no Arco Iris* (parceria, 1973).

Otacílio Colares

Coroamento natural de uma decidida e jamais frustrada vocação de homem de letras; resultado lógico do julgamento insuspeito e válido dos contemporâneos, eis que tendes abertas, diante de vós, as portas da Academia.

Eleito, por consenso dos mais eloqüentes, para as dignidades de um título dos mais honrosos, podeis sentir, agora, ao justificado impacto de sincera emoção, o quanto assume de responsabilidades, quer perante o meio em que vive, quer e sobretudo para consigo mesmo, aquele que, unguído de fé nos

destinos da Cultura; seguro da verdadeira destinação do homem de inteligência, logra, com méritos, ocupar assento em cenáculo tão impregnado de grandeza e tradições como esta Casa, para a qual entráis pela expressão do alto conceito em que vos temos, nós todos, os vossos pares.

De quantos, aqui, desfrutam as glórias íntimas da vida acadêmica, sois bastante conhecido, em dupla dimensão — humana e intelectual. Prova disto a consagradora vitória que vindes de auferir. Nem poderia ser de outra maneira, levado em conta que, na Academia Cearense de Letras, em respeito a uma tradição quase centenária, sempre se encontra representada a vida cultural do Ceará, nos mais diversos ângulos da sua multiforme e vigorosa amplitude.

E por isto que sois figura de tão merecida projeção em nossa vida intelectual é que se torna até certo ponto difícil, para aquele que tem a honra e a felicidade de vos saudar, percorrer terra tão bem amanhada às vistas de todos, na ânsia muito justa de descobrir algum tom novo ou pelo menos pouco revelado da vossa obra e personalidade de escol.

Questão se faz, neste ensejo, de afirmar que, antes de tudo, existe entre o novo Acadêmico e o seu saudador um forte liame de amizade e de compreensão, de sintonia espontânea, em coração e espírito, para o que, sem dúvida, muito há concorrido, através do tempo, afinidade intelectual sempre mais e mais acentuada.

Daí por que, em ocasião como esta, para vós tão cheia de ressonâncias e, para nós outros, tão nimbada de contentamento, nossas palavras deverão ser interpretadas sob um duplo aspecto: o do amigo recompensado pelo prêmio que vindes de receber e o do representante desta augusta entidade de homens de letras, rejubilada já, ante a certeza da vossa brilhante atuação futura, ao lado dos que passam, agora, a merecer-vos a grata companhia.

Permiti, ilustre e caro Acadêmico, que o orador, menos por obediência à praxe, e, sobretudo, por dever de justiça, intente algumas considerações sobre a vossa personalidade.

Somos daqueles que, por via de um entranhado amor à História, somente rivalizado esse amor pelo da arte literária, jamais conseguem isolar da figura humana do artista a mensagem espiritual pelo mesmo realizada, nem isentar uma e outra das contingências de meio e de tempo.

Como figura humana sois um homem de atitudes francas, de inteligência lúcida, de determinação extraordinária, criado na rude escola da luta pela vida em obediência a ideais, norteado pelo lema segundo o qual só o que se consegue com esforço e vontade decidida é que germina, produz e prospera.

Seria fácil imaginar, caso não soubéssemos de fonte segura, as lutas que travastes, tal como os da vossa geração, para o alicerçamento da cultura humanística de que sois portador, toda ela vinculada, naturalmente, a ardentes desejos de realização.

Aludiremos inicialmente, e de relance apenas, ao começo das vossas atividades intelectuais, reportando-nos aos dias da vossa passagem pelos bancos da nossa Faculdade de Direito, quando, ao lado de vosso irmão, o romancista Fran Martins, participáveis dos movimentos entusiásticos da classe estudiosa de Fortaleza, no sentido de fazer válida a sua atuação em nosso meio.

Fostes, àquele tempo, integrante da chamada Escola Moça de Cultura, setor específico de atividade intelectual do então nascente Centro Estudantal Cearense.

Naquele interessante grêmio de finalidades culturais, tivestes a companhia de muitos jovens cearenses que, de futuro, tanto iriam ilustrar o nome da nossa terra, nos mais variados campos da atividade humana, tais como Walter de Sá Cavalcante, revelação superior de político e homem público, cedo desaparecido, tal como iria ocorrer com Ari de Sá Cavalcante, honra do magistério cearense, e Yaco Fernandes, inteligência luminosa, sensibilidade de poeta autêntico, isto para lembrar apenas alguns dos que partiram cedo demais e que merecem a nossa permanente e sincera homenagem.

Éreis poeta, já àquele tempo, sem empeços a outras pre-ocupações. Muito escrevestes, então, em versos, nos jornais

e em revistas, sob o pseudônimo de Ênio das Mercês. E não se queira insinuar que a vossa poesia de mocidade fosse apenas aquele tributo que a idade juvenil sempre tende a prestar à arte do verso.

Se, a partir daquela época e até à maturidade, deixastes de lado o trato da fatura poética, isto não se deveu a divórcio por desamor e, sim, aos acicates da luta pela vida, que essa estava a exigir afirmação em termos objetivos.

E tanto não se tratou de divórcio por desamor que, sempre, a qualquer pretexto, era de ver-vos, aqui e ali, ao vislumbre da primeira oportunidade, às voltas com temas e problemas atinentes às letras e às artes, disto sendo testemunhas os jovens do Grupo Clã, então nascente, que sempre tiveram em vós um comparsa decidido, em todas as aventuras...

Várias foram, durante esse aparente hiato em vossa trajetória criadora, as entidades de cunho cultural que vos mereceram a colaboração efetiva, algumas dessas devendo fases de grande atividade e projeção ao fato de vos terem guindado à sua direção suprema, bastando para ilustrar a afirmativa a Sociedade Cearense de Artes Plásticas e o Instituto Brasil-Estados Unidos.

Sempre temos defendido a tese de que o intelectual, o artista, não é somente o que, na sua torre de marfim, procura egoisticamente realizar a sua mensagem. Advogamos, com a certeza da razão em nosso favor, a causa do artista ou do intelectual sempre, cada vez mais, imiscuído na vida ativa da comunidade a que pertence.

Já Olavo Bilac dizia, há meio século, numa oração de agradecimento a homenagem que lhe era prestada pela sociedade do Rio de Janeiro, estas palavras magistras, verbeando o divórcio até então existente entre a maioria dos artistas brasileiros e o meio social do nosso país:

“Apareceram poetas e escritores, querendo ser exclusivamente escritores e poetas e orgulhando-se dessa ocupação; mas cometeram o erro de mostrar desdém pela consideração que a sociedade lhes recusava — como se, desde a mais remota antiguidade, não soubessem todos os grandes capitães

que o melhor meio de conquistar uma praça é estar dentro dela; ganhando-a pela brandura e pela astúcia, para possuí-la sem batalhas.”

E prosseguia, na reafirmação da sua tese, dizendo: “Hoje, todo o verdadeiro artista é um homem de boa sociedade, pela sua educação civilizada, assim como todo o homem de sociedade é um artista, senão pela prática da Arte, ao menos pela cultura artística.” E concluía: “O artista tem, certamente, o dever de sempre reservar na sua vida um lugar, recatado e sagrado, para o culto exclusivo da sua arte; mas, para isso, não é mister que viva, entre os homens, como um espectro sem vida, num taraxia que o isole da existência da comunhão. Nem o culto da Arte pura é de modo algum incompatível com o exercício da agitada vida pública.”

Assim dizia Bilac, a um tempo em que a atividade artístico-literária no Brasil, por um vezo que as civilizações já devidamente plasmadas repelem, era tida pela maioria como preocupação apenas de individualidades desajustadas, quando não perniciosas e inúteis, no convívio comum.

Dessas palavras corajosas é que nos servimos para mostrar, cada vez mais válida, como merece, aquela vossa preocupação ativista de que falamos, desenvolvida no campo da vida artístico-intelectual da Província, no lapso de aparente divórcio com as letras.

Como se forrado nas assertivas de Taine, que procurou ligar sempre a arte e a cultura ao complexo de condições de meio e de tempo, vós, no citado período, fazíeis justamente aquilo que muitos de nós, por uma peca e errônea visão das coisas, poderíamos considerar falso ou ostentatório, quando não despidendo, mas que era, na verdade, um “ativismo” dos mais significativos, como afirmação de ideais que jamais ficaram à margem das vossas mais íntimas cogitações.

Assim quisemos, professor e poeta Cláudio Martins, perfilar inicialmente a vossa personalidade. No que tange à outra faceta, cumpre dizer que fostes sempre um escritor nato, desde as revelações primeiras. E não deixastes de o ser, mesmo quando, ao enveredar pelos caminhos edificantes porém

difíceis dos estudos de finanças e da ciência jurídica, poderiam fazer crer na morte do literato, tão promissoramente iniciado.

Daí, em tudo que em tal campo escrevestes, terdes primado sempre pela maneira clara da expressão do pensamento, fato que se deve a um extraordinário apuro e aticismo do estilo, somente encontradiço nos escritores que sabem usar, ao mesmo tempo, com donaire e segurança, a vocação e a experiência, como seguindo a profissão de fé expressa por Camões, ao final dos *Lusíadas*:

*“Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experiência misturado,
Nem engenho que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente...”*

Vossos trabalhos de cunho científico, os mais aligeirados na extensão como os de maior fôlego e profundidade, apresentam-se, ainda hoje, a quem os compulsa, valiosos na essência mas também válidos como peças de estilo.

Tendes, como o tiveram Clóvis Beviláqua, Farias Brito e Joaquim Pimenta — glórias da nossa terra, no campo da indagação jurídica, filosófica e sociológica — o dom especial de tornar acessível e intuitivo, mesmo o tema de cunho mais agressivo ou enfadonho, isto graças ao aprumo com que sabeis utilizar o vernáculo, coisa muita vez tão difícil de encontrar naqueles que tratam os temas da indagação positiva.

Disto decorreu, naturalmente, o êxito que obtivestes, há já bastante tempo, quando publicastes o livro *Elementos de Finanças e Legislação Fiscal*, de pretensões puramente didáticas, mas que iria merecer, então, como ainda hoje está a merecer, a honra de citações por verdadeiros luminares no assunto de que trata.

Daí a excelente aceitação, pela crítica e um público diretamente interessado, obtida por o vosso livro de recente publicação — *Normas Gerais do Direito Tributário*, saído, há poucos meses, já com a primeira edição esgotada, e que tem assegurada, porque em fase de composição, uma segunda edi-

ção mais enriquecida, esta com a láurea da publicação por uma entidade do porte e da tradição da Editora Livraria Forense, do Rio de Janeiro.

Entrais, assim, para a Academia com um duplo mérito — o do homem de letras que se dedica à ciência do Direito e das Finanças, acrescido do título de professor de Direito Tributário, e mais: com aquelas outras dignidades tão caras ao vosso saudador — as do poeta que não fugiu à sua destinação maior e primeira, apesar das tentações que há encontrado, ao longo de vitorioso caminhar.

Repetimos: a Poesia é uma destinação. Como tal, encontra-se, naquele para quem se torna contingência, a bem dizer difusa, imponderável, mas presente e imprevisível em seus caprichos.

A ela — a Poesia — não importa que seu instrumento, aqui e ali, em determinado instante, se apresente incapaz para a exercitação da mensagem. Ela é a chama, a semente que, às vezes, se acomoda e espera, por assim dizer, em estado de hibernação, que o milagre volte a fazer-se do reflorir. . .

Assim convosco ocorreu, poeta e professor Cláudio Martins. Após a poesia esparsa da juventude, outras atividades vieram, mas isto não impedia que, de repente, entre uma e outra das preocupações julgadas mais ponderáveis, o anjo ou demônio do Poema acontecesse e encontrasse meio de fluir da pena, como o reflexo de um destino inarredável.

Da mente ao papel, do papel ao arquivo da intimidade — esse foi, por largo tempo, o ciclo da vossa “poesia em pânico”. Claro está que tal poesia, assim enclausurada, teria de fazer-vos esquecido de muitos como poeta, sendo como eram bem poucos os que tinham ensejo, vez por outra, de saber-vos ainda o amante impenitente.

Veio o ano de 1962. Vosso espírito de formação cristã resolveu utilizar o prestígio social de que, então como hoje, desfrutáveis, para a realização de uma campanha de beneficência: ajuda aos meninos filhos de hansenianos do Educandário Eunice Weaver. E foi ao embalo da Poesia que empreendestes a empreitada beneficente. O ânimo caritativo que

vos levava a olhar com olhos de ajuda aquelas criancinhas vos reconduziria ao que de mais puro poderíeis encontrar de novo em vosso acervo de méritos — a Poesia. Para salvar criancinhas de um estado de penúria, o poeta — também alma de criança — foi rebuscar os momentos de vibração mais íntima, os mais vívidos e os mais sinceros, e dessa busca surgiu o livro intitulado *Poemas*, hoje, uma raridade bibliográfica.

Para muitos, a esse tempo, vossos versos foram como uma revelação do desconhecido. Não apenas a revelação de um artista, mas de um poeta que se apresentava com mensagem nova, nos moldes de uma poemática infensa aos velhos padrões acadêmicos, perfeitamente integrada no movimento salutar de reformulação estética inaugurado pelos que, em S. Paulo, implantaram o chamado “modernismo”.

Versos em que a ausência propositada da rima era compensada regiadamente pelo predomínio do ritmo, este mais essencial do que qualquer outro fator, na estruturação plena do poema, e tendo a secundar-lhe os efeitos mágicos a utilização das palavras-símbolos, sempre tão difíceis de encontrar, para a perfeita integração do poeta com a coisa criada.

Homem que jamais perdeu as revivências do encantado mundo de sortilégios da infância, aquele mundo que deu grandeza à arte de um Cocteau e de um Alain Fournier, deixastes correr lágrimas em versos de lembrança, ao longo de poemas que se lêem com a grata emoção dos reencontros julgados impossíveis.

Questão é feita, a esta altura, de destacar nesse primeiro livro o poema de abertura, que, de propósito, intitulastes com o verso “Ó, que saudades que tenho”, da lira amorosa e ingênua de Casimiro de Abreu. Poema longo, de metro vário, aqui e ali usando com ênfase a redondilha maior, tão cara aos líricos de todos os tempos. . .

Tal poema é, todo ele, o mundo encantatório da infância, filtrado no crivo da saudade, a grande saudade que cada um traz em si, parafraseando os versos de Rainer Maria Rilke. O mundo das estradas de areia, dos banhos campestres sob

céus azuis; do palhaço do circo mambembe — delícia dos garotos de todas as cidades... Mundo das misteriosas artes infantis, algumas, como diria o poema de Vinicius de Moraes, “não sem malícia e verve”, tudo o que significa para o homem adulto a mais pura lembrança, está contido nesse poema, melancólico e lapidar na sua singeleza:

*De que me valem tesouros,
de que me valem honrarias,
de que me vale o que tenho,
se tudo, tudo eu daria
por aquilo que não tive,
por minha infância querida
que nunca mais há de vir...*

Não fugindo, ontem como hoje, ao estigma romântico, que é a tônica preferencial da Poesia, fizestes, ao longo de *Poemas*, a apologia do confessional, isto não impedindo que, mesmo através das notas de cunho pessoal, revelásseis a intensa participação com as angústias universais.

Assim, no poema que intitulastes “Canção de Ninar”, a conceituação final é um como transbordamento de um amor limitado e pessoal para o mundo sem limitações do universal:

*Talvez o meu egoísmo / só males venha trazer, / talvez
nem mesmo perdoes / o mal que te vou fazer, / pois que a
verdadeira vida / a que vale ser vivida, / são as urzes da su-
bida, / é essa luta renhida, / é da vitória o prazer.*

De repente, folheando esse livro, que é um confessional de intimidades, válido por isto mesmo que é de tons menores, tão ao gosto de Mallarmé, de repente a nota dorida, a mágoa do poeta em face de si mesmo — espelho de um mundo em que a sua voz é “o grito que ninguém ouviu no Teatro”, do poema de Carlos Drummond de Andrade:

*De certo eu nada sou / uma sombra talvez / um punhado
de pó / impreciso / sem vida / pois que nada mais é / quem
/ cansado de tudo / indiferente a tudo / desgraçado / não*

*crê / na dor que humaniza / no amor que redime / na bondade
que exalça / nos milagres da fé. . .*

Assim foi a vossa poesia de há oito anos. Mas, como a Poesia é inelutável, eis que, passado algum tempo, temo-la rompendo de novo as barreiras do pudor e vêm à luz novos poemas, ainda impregnados daquele cunho intimista da vossa poética anterior. Somente que, uma vez por outra, no conjunto dos poemas, deu de surgir uma certa nota que era inusitada nos vossos poemas iniciais. Aquele tempo antigo do ceticismo franco passou a transsubstanciar-se numa ironia por vezes amarga, vazada em pequenos poemas de tom epigramático, como este intitulado "Poemeto da Maldade Divina":

*É inegável / que Deus criou o mundo em seis dias. / E
como lhe parecesse conveniente / ter alguém para apreciar-
lhe a grande obra / tomou de um pouco da argila / e fez o
homem / à sua imagem e semelhança. / É inegável também /
que jamais esteve em suas altíssimas cogitações / criar um
mundo feliz / onde pudessem reinar a paz e a tranqüilidade /
pois que / conscientemente / deu ao primeiro homem uma
companheira. . . / Depois, veio a bomba atômica".*

Destaque-se ainda em vossa mensagem poética a multiformidade daqueles artifícios de que a Poesia pode servir-se para a sugestão sempre mais fiel dos mais variados momentos.

Jamais demonstrastes a determinação de perseguir, como característica, esta ou aquela fórmula; como concordando intimamente com os que consideram dever a forma, no que subentende ritmo e palavra a serviço de idéia ou sentimento, variar sempre, infensa ao jugo de certos e determinados padrões. Mas é de crer não haja desarrazoado no afirmar que o metro menor tem sido o da vossa preferência talvez inconsciente e, por isto mesmo, aquele em que, decerto, com mais espontaneidade, vos realizais na tarefa de transmissão.

É esse o caso do "Poema da Nova Advertência", de versos assim:

Veja bem: amor é chama / porque chama / não resiste / ao sopro frio / insistente / de tristes lamentações. / Eu souro também / e calo receando que se apague / a chama que me ilumina / no meio da tempestade.

Assim, dessa gama de módulos expressivos, é constituída a vossa mensagem artística mais recente, no volume intitulado *30 Poemas Para Ajudar*, que vindes de entregar ao público, ao lado desse extraordinário instrumento de Poesia, que é Antônio Girão Barroso, e do vosso saudador, para alegria de ambos.

Não procurastes, ontem como agora, ter presente, no momento da inspiração, o binômio terrível Idéia-Forma, no sentido de tornar a poesia um sinal cabalístico para o gozo de pequenas *ententes* privilegiadas e secretas.

Tendes feito da Poesia uma espécie de amada discreta mas constante, dessas que dão repouso e não anátemas; são gesto de paz e não penumbra de mistérios apavorantes; são porto seguro e não prenúncios de borrascas.

Como disse muito bem o poeta Artur Eduardo Benevides, ao prefaciá-lo vosso primeiro livro de versos, retornastes à Poesia como quem “não tem força para quebrar o encanto, pois não há mágica que possa afastar alguém de sua Fonte”.

Que outros, com razão mas não razão absoluta, vos aplaudam o ingresso na Academia pelo válido e indiscutível teor daquela obra de características extrapoéticas.

Serão aplausos justos, pois baseados no fato indiscutível de um cabedal de conhecimentos substancial e elogiável, revelado em trabalhos lastreados por cultura longo tempo sedimentada. Mas é de crer não seja mais justa essa efusão do que a alegria sincera que sentem, neste momento, por tal forma significativo, os poetas da Casa, ao abrir os braços e dar as boas-vindas àquele que, no mundo cada vez mais materializado e sem alma dos nossos dias, sabe fazer do Poema, ainda e sempre, a linguagem mais perfeita para expressão do sentimento humano.

Poeta e professor Cláudio Martins: as letras do Ceará têm a honra e satisfação de consagrar-vos na justa medida dos vossos méritos.

Que os altos e nobres ideais que vos têm norteado a existência mais e mais se acrisolem, agora que a vossa obra deixa o âmbito das íntimas perspectivas e indagações para receber o laurel das coisas tornadas imperecíveis.